

Cantiga para uma revolução

Co-produzido por Coimbra 2003, estreia-se esta noite um espectáculo que reflecte sobre a História, homenageia José Afonso e sua utopia

> JOÃO FONSECA

No palco inclinado, descendo em direcção ao público, fala-se da utopia, apresenta-se a História, feita de sonhos. A praça, repleta de murais – «Resistir para vencer» é palavra de ordem – é pequena, fechada, mas é grande o mundo que, através dela, se adivinha; é livre o pensamento que a mantém viva. E nela se pede, por isso, uma *Cantiga para JÁ*, porque é precisa agora, no imediato, mas também – e é de utopia que se trata – são estas as iniciais de José Afonso.

Zeca Afonso, assim homenageado, é referência permanente, mas distante (melhor, talvez, constante, mas utópica) do espectáculo, da (sua) utopia. O cantor-trovador não é protagonista, nem mesmo do seu tempo (que precisa de ser de hoje, também; que apela à História), do tempo que fez Abril, nem sequer do tempo que a revolução (não) deixou. Este é, afinal, o fio condutor da peça. Mas ele, o Zeca, está presente e não só com a sua poesia e a sua música – maior do que elas, são outras suas presenças.

Jean-Pierre Sarrazac pensou o

espectáculo, feito sobre um texto que escreveu em colaboração com Christina Mirjol. Reflecte sobre a História de Abril em Portugal, insurge-se contra a tentação de pensar a História sem passado nem futuro.

O ensaio da tarde de sexta-feira termina, Sarrazac pede a repetição de um momento e os «amigos de Zeca» deitam-se no chão inclinado. Os actores desta *Cantiga* têm experiências e origens diferentes, reconhecem, mas aproximam-nos pontos comuns. Do modo como fazem e entendem o teatro a José Afonso.

Essa diversidade, a interculturalidade, é um dos aspectos que mais encantam, neste trabalho, o actor Celso Parada, do Centro Dramático Galego. Diversas são também as personagens desta «história sem factos históricos», sublinha a actriz caboverdiana Sílvia Ribeiro. Diogo Dória e Carlos Feio estão entre os portugueses, no cenário de Claire Chavanne (ainda figurinista, com Sílvia Alves).

Rogério Boane, moçambicano, sente-se tão amigo do Zeca, que nunca conheceu e só descobriu há três anos, que arrisca: «o texto parece ter sido feito para mim». Talvez por isso, ele e o personagem Miguel, o africano que corre, corre, à procura de uma cantiga que faz «levantar os braços e florir os cravos», se confundam tantas vezes no palco. E não apenas quando fala ao Oceano que liga a Europa a África ou quando canta Zeca, a tal cantiga atrás de que tanto corre: «Cidade/Sem muros nem ameias/Gente igual por dentro (...)» – *Utopia*.

Esta «viagem pela memória de Abril é fundamentalmente a expe-

riência da ressaca como mola propulsora de novos horizontes, agora talvez menos teóricos, mas certamente mais subjectivados, habitáveis, vivíveis», diz Fernando Mora Ramos, programador para o teatro da Capital Nacional da Cultura (CNC). Este «exercício de imaginação pensante através da negatividade da experiência», em co-produção Teatro de Braga, Centro Dramático Galego e CNC, sobe, hoje e amanhã (às 21 e 30), ao palco do Teatro Gil Vicente. É a última estreia da CNC, em Coimbra.